



HABILIDADES EM CONSCIÊNCIA
FONOARTICULATÓRIA DE CRIANÇAS MONOLÍNGUES E
BILÍNGUES (POMERANO/PORTUGUÊS): DADOS DE
ARROIO DO PADRE/RS



SKILLS IN PHONO-ARTICULATORY AWARENESS BY
MONOLINGUAL AND BILINGUAL
(POMERANIAN/PORTUGUESE) CHILDREN: DATA
FROM ARROIO DO PADRE/RS

Paola Oliveira dos SANTOS
Giovana Ferreira GONÇALVES
Maria José Blaskovski VIEIRA

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 19/07/2017 • APROVADO EM 17/12/2017

Resumo

Circunscrito em uma perspectiva dinâmica, o presente artigo tem por objetivo principal verificar as habilidades em Consciência Fonoarticulatória (CFA) de crianças bilíngues

(pomerano/português), bem como estabelecer um comparativo com as habilidades em CFA de crianças monolíngues (português). A amostra do estudo é obtida por meio da aplicação de um teste de consciência fonarticulatória a 17 sujeitos, alunos dos 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Arroio do Padre/RS. A coleta de dados se deu com base no instrumento de Avaliação da Consciência Fonarticulatória – CONFIART (SANTOS, VIDOR-SOUZA & VIEIRA, 2014). A análise dos dados demonstrou que tanto os monolíngues quanto os bilíngues apresentaram baixos desempenhos nas tarefas propostas. No que se refere à escolaridade, as crianças do 3º ano, de ambos os grupos, revelaram o maior percentual de desempenho, quando comparado ao desempenho dos alunos dos 2º e 4º anos. O baixo nível de consciência fonarticulatória pode estar associado ao pouco uso de subvocalizações e, no que concerne aos segmentos bilabiais, às limitações do instrumento para a identificação dos gestos de abertura e de fechamento labial envolvidos.

Abstract

This study aims to examine the skills of phono-articulatory awareness considering bilingual (Pomeranian/Portuguese) children and compare these results with that reached by monolingual (Portuguese). The participants of this study were 17 children in the 2nd, 3rd and 4th years of primary education of a public school in Arroio do Padre, a city located in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. The evaluation of the subjects' phono-articulatory awareness was occurred through an assessment tool named *CONFIART – Instrumento de Avaliação da Consciência Fonarticulatória* (SANTOS *et al.*, 2014). The evaluation of phono-articulatory awareness has demonstrated that bilinguals and monolinguals have had low performance in the tasks proposed. In general analysis, 3rd graders, from both monolingual and bilingual groups, have had higher scores in comparison to the other years in study. The difficulty presented by children in phono-articulatory awareness tasks may result of the little use of subvocalization and, with regard to bilabial segments, of limitations of the instrument for the identification of gestures of lip aperture and closure.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Consciência fonarticulatória. Aquisição da escrita. Bilinguismo.

KEYWORDS: Phono-articulatory awareness. Acquisition of written language. Bilingualism.

Texto integral

Introdução

A percepção dos detalhes fônicos que modelam os sons de uma segunda língua (L2) configura aspecto determinante para a aquisição de sons da língua em aprendizagem – que, por sua vez, diferem de padrões fônicos da língua materna (LM). A consciência dos gestos articulatórios que modelam os sons da fala passa a ser, pois, ponto relevante na aquisição dos aspectos fonológicos de uma segunda língua, como bem pontua Stein (2011). No entanto, isso nem sempre é tarefa fácil

para muitos aprendizes bilíngues, visto que a interação entre códigos linguísticos distintos pode intervir no processamento dos sons estranhos à L2.

Assim, se o aprendiz adquirir a consciência quanto aos gestos articulatórios envolvidos na produção dos segmentos fônicos, isso poderá subsidiar o julgamento da qualidade dos gestos utilizados na articulação dos fones da L2, permitindo-lhe diferenciá-los dos gestos de sua L1 (STEIN, 2011, p. 59).

Assim, a Consciência Fonoarticulatória (CFA), ao tomar o gesto articulatório – unidade de ação e de representação – como objeto de análise, configura papel primordial neste processo, uma vez que a percepção do detalhamento visual e auditivo dos sons pode contribuir para a emergência do gesto fônico.

A CFA reporta-se à capacidade de o falante refletir sobre os sons da fala e os gestos motores orais necessários para a sua produção. É, pois, uma habilidade responsável pela percepção da distinção articulatória dos sons da fala.

Os falantes de uma língua podem refletir sobre seus sons, levando em conta a sua organização segundo os sistemas dessa língua, o que representa um conhecimento fonológico; ou levando em conta a forma de produzi-los, o que representa o conhecimento fonoarticulatório (CFA) (SANTOS et al., 2014, p. 16).

Pesquisas realizadas na área – Jardini e Souza (2006), Vieira e Santos (2010), Santos e colaboradores (2011), entre outras – destacam a relevância da CFA na percepção e produção da fala em língua materna. Já os estudos que versam sobre a relação entre a CFA e a aquisição bilíngue são, no entanto, pouco recorrentes.

Assim, inserido em uma perspectiva dinâmica, o presente artigo tem por objetivo principal investigar as habilidades em CFA de crianças bilíngues (pomerano/português), bem como estabelecer um comparativo com as habilidades em CFA de crianças monolíngues (português).

O Pomerano, língua Baixo-saxã, é falada no Brasil – em decorrência da imigração germânica – especialmente no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul. Alguns trabalhos têm se dedicado a descrever o falar dos descendentes pomeranos, como Vandresen (2006) e Schaeffer (2012).

A escolha por falantes bilíngues que possuem o dialeto pomerano como língua materna decorre do fato de que estes aprendizes apresentam alterações na representação dos sons do português (BENINCÁ, 2008; GEWEHR-BORELA, 2010; BLANK; MIRANDA, 2012; FERREIRA-GONÇALVES; BILHARVA-DA-SILVA, 2014; BILHARVA-DA-SILVA, 2015; BILHARVA-DA-SILVA; FERREIRA-GONÇALVES, 2017), manifestando, na fala e/ou na escrita, produções como, por exemplo, *fareta* (*vareta*), *greme* (*creme*), *elevante* (*elefante*). Para tanto, parte-se da hipótese de que

as crianças bilíngues tendem a apresentar um nível de CFA inferior ao das monolíngues, em virtude da influência da língua materna.

Partindo-se do pressuposto de que atentar para os movimentos articulatórios pode refinar o conhecimento dos gestos motrizes, fator este que auxilia na sua percepção e representação, pretende-se, a partir dos resultados obtidos, ressaltar a importância da CFA em um processo potencialmente complexo, a saber, a aquisição escrita por crianças bilíngues.

Apresentou-se, aqui, uma breve introdução acerca da temática e das motivações que nortearam a pesquisa. Nas próximas seções, serão apresentados alguns aspectos fonético-fonológicos do português e do pomerano, a metodologia utilizada para a coleta de dados, os resultados obtidos e, por fim, as considerações finais.

1 Sistemas fonético-fonológicos do Português Brasileiro (PB) e do Pomerano

A língua portuguesa possui 19 segmentos consonantais, os quais se classificam a partir do ponto e modo de articulação, bem como em relação à configuração das pregas vocais (CÂMARA JR, 1977). Por outro lado, o pomerano é formado por 29 consoantes, as quais, assim como no português, distribuem-se a partir dos mesmos parâmetros.

O inventário linguístico do PB é formado por plosivas, fricativas, nasais e líquidas. As obstruintes abrangem tanto as oclusivas quanto as fricativas. Nessa classe de sons, os segmentos se diferenciam por ponto de articulação e pelo padrão de vozeamento, assim como ocorre no pomerano, como pode ser constatado nos Quadros 1 e 2.

Ponto/Modo	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Velar
Plosiva	p b		t d	k g
Fricativa		f v	s z	

Quadro 1: Consoantes obstruintes do PB

Ponto/Modo	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Palatoalveolar	Velar
Plosiva	p b		t d		k g
Africada	p ^h		t ^h		k ^h
Fricativa		f v	s z	□ □	

Quadro 2: Consoantes obstruintes do Pomerano – adaptado de Schaeffer (2012)

As obstruintes que formam os sistemas supracitados desempenham função contrastiva, uma vez que distinguem significados. Então, /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, /z/, /S/ e /Z/ constituem fonemas nas línguas, de acordo com os exemplos dispostos no Quadro 3.

Fonemas Obstruintes do PB			
Par mínimo	Exemplo	Par mínimo	Exemplo
/p/ e /b/	pato/bato	/f/ e /v/	faca/vaca
/t/ e /d/	tato/dado	/s/ e /z/	selo/zelo
/k/ e /g/	cato/gato	/S/ e /Z/□	chato/jato
Fonemas Obstruintes do Pomerano			
Par mínimo	Exemplo	Par mínimo	Exemplo
/p/ e /b/	pak(bolinho)/bak (paca)	/f/ e /v/	fota (pai)/vota](água)
/t/ e /d/	daNk (agradecimento)/taNk (tanque de peixes)	/s/ e /z/	suo(chupar)/zuo (azedo)
/k/ e /g/	kot (curto)/got (Deus)		

Quadro 3: Fonemas obstruintes do PB e do Pomerano. Adaptado de Schaeffer (2012).

O ponto de articulação e o modo de articulação são características importantes para a descrição dos sons das línguas. Restringindo-se às obstruintes (plosivas e fricativas), pode-se observar, a partir dos Quadros 1 e 2, que as consoantes /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z/ estão presentes em ambos os sistemas.

O segmento /Z/ se encontra ausente no inventário linguístico do pomerano, diferentemente do PB, que apresenta contraste entre /S/ e /Z/ como nos itens lexicais *chato* e *jato*, por exemplo.

Do mesmo modo que ponto e modo de articulação, a configuração adotada pelas pregas vocais na produção dos sons é utilizada na composição dos sistemas fonético e fonológico das diferentes línguas, uma vez que a partir dela distinguem-se sons surdos de sonoros.

No PB, os sons [p, t, k, f, s, S] são surdos (ou desvozeados). Os sons [b, d, g, v, z, Z], por sua vez, são sonoros (ou vozeados). No pomerano, estes sons, com exceção de [Z], assemelham-se em relação a ponto e modo de articulação aos sons da língua portuguesa, no entanto, diferem quanto ao padrão de sonoridade, como apontado por Schaeffer (2012). Esta diferença de sonoridade concerne aos padrões de VOT (*voice onset time*) – tempo de início de vozamento – (CHO; LADEFOGED, 1999, p. 207), que se refere ao intervalo de tempo entre a soltura e o início da vibração das pregas vocais.

Schaeffer (2012) analisaram o VOT das oclusivas /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/ do português e do pomerano. No PB, e dentro das categorias definidas por Lisker e Abransom (1964), as oclusivas surdas /p/, /t/ e /k/ definem-se como oclusivas surdas, pois se enquadram dentro da categoria VOT Zero - quando a soltura do ar ocorre concomitantemente com o início da vibração das pregas vocais, – com médias de 16 ms, 20 ms e 38 ms, respectivamente. Já as sonoras /b/, /d/ e /g/ se enquadram na categoria VOT Negativo - quando o início do vozeamento ocorre antes da soltura da consoante – apresentando médias de -56 ms, -50 ms e - 37 ms, nessa ordem.

Por outro lado, no pomerano, é possível observar dissemelhanças em relação aos padrões de sonoridade encontrados no PB. Assim, para as oclusivas /p/, /t/ e /k/, as médias encontradas foram de 63 ms, 67 ms e 90 ms. Estes valores

concernem ao VOT Positivo, quando ocorre um período de surdez mais longo, caracterizando a aspiração. As consoantes /b/ e /d/ apresentam médias de -31 ms e -21 ms, respectivamente, caracterizando, pois, o VOT Negativo (assim como no PB).

Em contrapartida, a oclusiva sonora /g/, que no português apresenta VOT Negativo (com média de -37 ms), na língua de imigração apresenta VOT Positivo (com média de 21 ms), comportando-se como uma consoante surda.

Em decorrência dessas diferenças, interferências fonético-fonológicas entre as duas línguas, relativas à sonoridade, acarretam dificuldades na percepção de sons que têm modo e ponto de articulação iguais nas duas línguas, mas diferem em relação aos padrões de VOT. Essas diferenças nos padrões de VOT são responsáveis por trocas entre sons surdos e sonoros, tanto na oralidade quanto na escrita dos aprendizes e podem explicar as dificuldades encontradas no processo de alfabetização de crianças bilíngues (pomerano/português), as quais, de forma recorrente, grafam *parba* ao invés de *barba*.

Dado que crianças bilíngues que possuem o pomerano como primeira língua alternam na representação dos sons surdos/sonoros do português, algumas pesquisas foram realizadas na área, com a finalidade de compreender os fenômenos que subjazem a este processo.

Benincá (2008) investiga, nas produções de falantes monolíngues e bilíngues pomerano/português, as interferências de um sistema linguístico sobre o outro, tanto na escrita quanto na oralidade. Participaram do estudo crianças bilíngues (pomerano/português), alunos da 5ª série do ensino fundamental, com idades entre 10 e 12 anos. A autora analisou as trocas de sonoridade a partir de um questionário fonético-fonológico, o qual dispunha de respostas que envolviam a produção de sons surdos e sonoros. Os resultados da pesquisa apontam que os aprendizes do português, falantes do pomerano, apresentam dificuldades na produção das obstruintes sonoras [b, d, g, v, z, Z] do português, substituindo-as pelas surdas correspondentes [p, t, k, f, s, S]. Na escrita, os erros encontrados relacionam-se às trocas de grafemas que correspondem aos sons sonoros por grafemas que representam sons surdos, o que confirma a transferência da oralidade para a escrita.

Com o mesmo intuito, Blank (2013) analisa as interferências fonológicas na aquisição da escrita por crianças bilíngues do pomerano/português. De modo mais específico, a autora observou a alteração na grafia de segmentos surdos por sonoro, assim como alternâncias entre os róticos [r] e [x] e os ditongos [aN] por [oN]. Fizeram parte do estudo nove sujeitos bilíngues pomerano/português, estudantes dos 2º, 3º e 4º anos de uma escola pública de Arroio do Padre, os quais foram submetidos a teste de oralidade e de escrita. Os dados de escrita foram coletados por meio de uma narrativa a partir de um livro de história em quadrinhos, o qual continha apenas linguagem não verbal. Na coleta oral, a autora utilizou o Instrumento de Avaliação Fonológica da Criança (AFC), proposto por Yavas, Hernandorena & Lamprecht (1991). No tocante à troca de obstruintes do par surdo-sonoro, os resultados do estudo apontam que as influências observadas

na fala não se aplicam, por completo, à escrita. Já as alternâncias entre os róticos se estendem para a escrita de modo mais significativo.

Schaeffer (2012) buscou descrever o sistema fonético da língua pomerana, a fim de discorrer acerca de possíveis influências do sistema linguístico pomerano no português de falantes bilíngues. Quatro sujeitos participaram da pesquisa, dos quais três eram bilíngues em pomerano e português e um monolíngue em pomerano, moradores do município de Santa Leopoldina/ES. Os sujeitos foram submetidos a uma entrevista de sondagem e solicitados a produzir uma lista de palavras com base em 600 itens lexicais a partir da seguinte pergunta: “Como fala ____ em pomerano?”. Os dados coletados (sons vocálicos e consonantais) foram transcritos e tabulados com base em oitiva e análise acústica, a partir do software *Praat*. O estudo concluiu que a língua pomerana possui 19 fonemas consonantais e 14 vocálicos. As oclusivas surdas apresentam aspiração e as sonoras apresentam um padrão médio de VOT aproximado das oclusivas surdas do PB.

Posteriormente, Bilharva-da-Silva (2015) analisa interferências do dialeto pomerano na percepção e na produção dos segmentos róticos na fala e na escrita. Participaram do estudo crianças monolíngues e bilíngues do pomerano/português, as quais cursavam os 2º, 3º, 4º e 6º anos do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município de Arroio do Padre/RS. Os informantes submeteram-se a coletas de fala, de percepção e de escrita. Para a coleta de dados de fala, as crianças produziram uma narrativa oral bem como produziram palavras que continham o segmento alvo a partir de uma frase veículo. Para a coleta de escrita, as crianças produziram uma narrativa, bem como grafaram uma lista de palavras por meio de um ditado de imagens. No tocante à coleta de percepção, os sujeitos selecionados foram submetidos a testes de identificação e discriminação. Os resultados do estudo revelam interferência do pomerano tanto na fala quanto na escrita de sujeitos monolíngues e bilíngues, no entanto, com maior relevância para o grupo bilíngue. Os dados de percepção apontam que os sujeitos bilíngues não apresentam evoluções no decorrer da escolaridade, o que demonstra o quão difícil é perceber determinadas propriedades acústicas que modelam os sons da L2.

2 Aspectos metodológicos

2.1 Os sujeitos

Participaram do estudo 17 crianças, com idades variando entre 7 e 12 anos, estudantes dos 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública do Município de Arroio do Padre/RS, as quais foram divididas em dois grupos: monolíngues e bilíngues (pomerano/português). O Quadro 4 expõe o perfil dos sujeitos que compõem a amostra, bem como a sua distribuição, conforme a escolaridade e grupo linguístico.

	Número de informantes	
--	------------------------------	--

Ano	por ano		Idade dos sujeitos	
	Monolíngues	Bilíngues	Monolíngues	Bilíngues
2º	02	06	7 a 8 anos	7 a 8 anos
3º	01	02	8 anos	8 anos
4º	04	02	9 a 10 anos	10 a 12 anos
Total	07	10		

Quadro 4: Distribuição dos informantes – monolíngues e bilíngues – que compõem a amostra

Para que pudessem participar do estudo, as crianças deveriam apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos pais e/ou responsáveis.

2.2. Material e métodos

Para a obtenção dos dados, realizou-se a aplicação de um teste de avaliação da consciência fonoarticulatória, a qual ocorreu, em sessões individuais, em uma sala reservada na escola dos informantes.

O Instrumento de Avaliação da Consciência Fonoarticulatória – CONFIART (SANTOS; VIDOR-SOUZA; VIEIRA, 2014) serviu de base para a coleta de dados. O CONFIART é composto por quatro tarefas – duas envolvendo a produção e duas envolvendo a percepção dos gestos articulatórios necessários para a realização dos sons [p, b, m, f, v, s, z, S, Z, k, g, x]. Apresenta seis imagens fonoarticulatórias e um caderno de estímulos, formado por seis figuras de desenhos, a saber: *pato, faca, sapo, mala, chave, carro*.

A primeira tarefa proposta pelo instrumento (T1) concerne à identificação da imagem fonoarticulatória a partir do som. A criança deve, assim, associar o som de determinado fonema ao gesto articulatório correspondente. Para a sua aplicação, o pesquisador deve produzir um som, ocultando o movimento dos articuladores, a fim de que não forneça pistas visuais e articulatórias do som investigado. Feito isso, o informante, ao ouvi-lo, deve escolher, dentre as seis imagens fonoarticulatórias, aquela que reproduz, fidedignamente, o som percebido. A título de exemplo, se o investigador produzir os sons [s] ou [z], e a criança assim os perceber, deverá escolher a configuração articulatória disposta na Figura 1, que representa o gesto fonoarticulatório equivalente a esses sons.



Figura 1: Imagem fonoarticulatória para a produção das fricativas alveolares [s, z] (SANTOS et al., 2014)

A segunda tarefa (T2) compreende a produção do som a partir da imagem fonoarticulatória. Nesta, diferentemente da anterior, o investigador apresenta determinada imagem fonoarticulatória e a criança, ao visualizá-la, deve reproduzir o som equivalente. Por exemplo, ao mostrar a Figura 2, a criança deve realizar um dos sons que a imagem representa, neste caso, [p], [b] e [m].



Figura 2: Imagem fonoarticulatória para a produção das plosivas labiais [p, b] e da nasal labial [m] (SANTOS et al., 2014)

A terceira tarefa (T3) que compõe o instrumento consiste na identificação da imagem fonoarticulatória a partir da palavra. A criança, ao ver a figura de um objeto, deve nomeá-lo e escolher, dentre as seis imagens apresentadas, aquela que representa o desenho da boca correspondente ao primeiro som da palavra-alvo. Por exemplo, ao articular a palavra *faca*, a criança deve escolher a imagem da Figura 3.

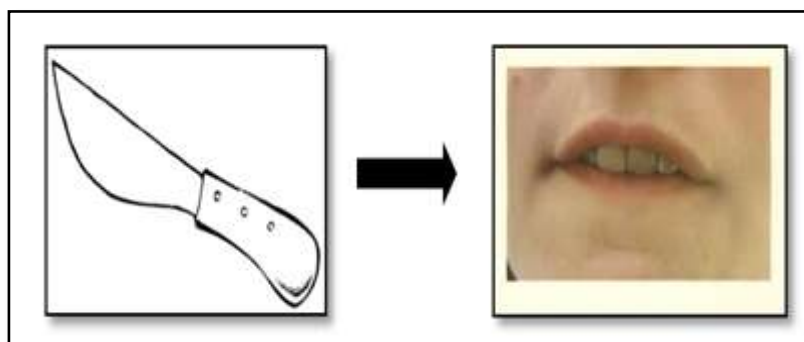


Figura 3: Palavra estímulo e imagem fonoarticulatória para a produção das fricativas dentais [f,v] (SANTOS et al., 2014)

A quarta e última tarefa (T4) fundamenta-se na produção da palavra a partir da imagem fonoarticulatória. Assim, a criança deve produzir uma palavra em que o primeiro som esteja relacionado à imagem fonoarticulatória apresentada. Ao ser exposto à configuração articulatória correspondente a Figura 2, por exemplo, o informante deve produzir uma palavra que inicie com o som correspondente.

Para cada uma das tarefas do teste, somam-se 4 pontos. Considerando-se que são aplicados dois exemplos para cada tarefa, o cômputo total do instrumento comporta 16 pontos. No Quadro 5, estão dispostas as tarefas aplicadas e o escore total do instrumento.

Tarefas previstas	Pontuação
Avaliação das Tarefas de Identificação	Avaliação das tarefas de produção
Tarefa 1 – identificação da imagem fonoarticulatórias a partir do som	4
Tarefa 2 – produção do som a partir da imagem fonoarticulatória	4
Tarefa 3 – identificação da imagem fonoarticulatória a partir da palavra	4
Tarefa 4 – produção da palavra a partir da imagem fonoarticulatória	4
Pontuação total do instrumento	16

Quadro 5: Pontuação total do instrumento CONFIART por tarefas

As respostas dadas pelos informantes foram anotadas em uma Planilha de Controle – parte integrante do CONFIART –, na qual se registram o desempenho dos sujeitos quanto às tarefas propostas, a ocorrência ou não de repetição do som (SR) e a realização ou não de ação motora (RAM), como mostra o Quadro 6.

1. Identificação da imagem fonoarticulatória a partir do som

Exemplos: Dizer o som da letra V: 1 2 3 4 5 6 e Dizer o som da letra L: 1 2 3 4 5 6				
Fones (sons)	Resposta (Fotos de boca)	Pontuação	SR	RAM
[z]	1 2 3 4 5 6	0 1	Sim Não	Sim Não
[Z]	1 2 3 4 5 6	0 1	Sim Não	Sim Não
[m]	1 2 3 4 5 6	0 1	Sim Não	Sim Não
[f]	1 2 3 4 5 6	0 1	Sim Não	Sim Não

Quadro 6: Controle de respostas por tarefas, CONFIART (SANTOS *et al*, 2014)

No caso exemplificado, a pesquisadora produziu os sons de [z], [Z], [m] e [f], sem que a criança pudesse ver os movimentos articulatórios efetuados na produção. Ao ouvir cada um deles, o participante deveria escolher, dentre as imagens fonoarticulatórias, aquelas correspondentes aos sons identificados. Caso identificasse corretamente, era assinalado, na grade de respostas, o número 1; caso contrário, o número 0.

Os desempenhos dos informantes no instrumento foram catalogados, assim como a idade, série e tempo total de aplicação, para posterior análise dos dados. A ordem de aplicação das tarefas respeitou a sequência do instrumento.

3. Apresentação e discussão dos resultados

A análise de desempenho dos informantes em habilidades de CFA foi realizada levando-se em conta o desempenho total nas tarefas propostas pelo instrumento CONFIART, o desempenho nas tarefas de identificação e produção dos sons e a ocorrência de subvocalizações.

No Quadro 7, encontra-se descrito o desempenho das crianças monolíngues e bilíngues, considerando-se as tarefas propostas no instrumento – com pontuação máxima de 16 pontos, por indivíduo.

Bilíngues		Monolíngues	
Ano	Pontuação total/pontos possíveis	Ano	Pontuação total/pontos possíveis
2°	21/96	2°	8/32
3°	11/32	3°	9/16
4°	7/32	4°	20/64
Total	39/160	Total	37/112

Quadro 7: Pontuação total no Instrumento CONFIART, monolíngues e bilíngues

Conforme disposto no Quadro 7, tanto os monolíngues quanto os bilíngues demonstraram baixo desempenho nas tarefas avaliadas. No cômputo geral, os bilíngues somaram apenas 39 pontos (de 160 possibilidades) e os monolíngues, 37 (das 112 possibilidades). O baixo desempenho apresentado pelos informantes

evidencia um comportamento linguístico análogo entre os dois grupos, bem como entre as séries, de modo que o somatório total de desempenho se mostrou similar. Apenas para os informantes do 3º ano parece haver desempenho mais elevado.

No que se refere a percentuais, o Gráfico 1 demonstra que os bilíngues do 2º ano obtiveram um desempenho de 22% e os monolíngues, 25%. No 3º ano, constata-se um aumento – ainda com índices reduzidos de acertos – no percentual de desempenho em CFA dos informantes, sendo 34% para os bilíngues e 56% para os monolíngues. Já no 4º ano, verifica-se, novamente, um decréscimo nos escores de desempenho de ambos os grupos, de modo que os bilíngues retornam aos 22%, e os monolíngues acabam por atingir um escore de 31%.

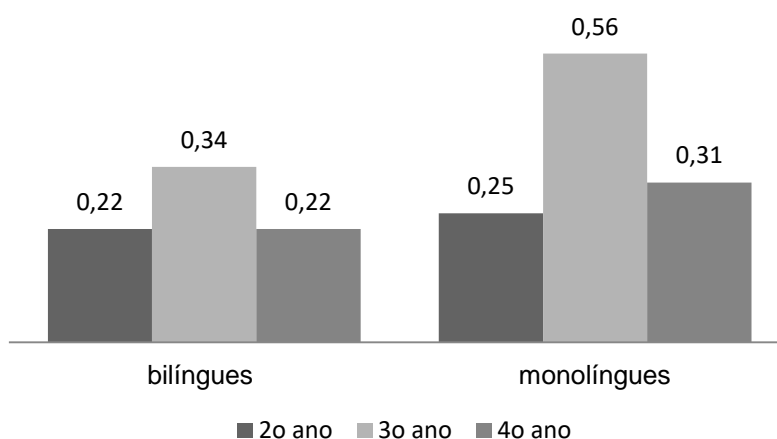


Gráfico 1: Desempenho geral em CFA, por série/ano (monolíngues e bilíngues)

A explicação para o desempenho insatisfatório apresentado pelas crianças monolíngues e bilíngues do 2º ano tem por base os achados de Santos *et al* (2011, 2014). Segundo as autoras, a CFA é uma habilidade que se aprimora na medida em que a criança avança em idade e escolaridade, o que justificaria o desempenho insatisfatório das crianças deste grupo. No entanto, estudos já realizados na área (SANTOS *et al.*, 2011, 2014; VIEIRA & SANTOS, 2014) mostram que crianças da educação infantil têm desempenho inferior ao das crianças da 1ª à 4ª série, e que, nestas, é possível perceber uma melhora no desempenho, pois a CFA é uma habilidade que se aprimora na medida em que a criança avança em escolaridade (SANTOS *et al.*, 2011).

Assim, importante notar que a configuração estática dos gestos disponibilizada pelo instrumento – lábios cerrados –, no que se refere à realização de segmentos bilabiais, pode ter dificultado a identificação dos gestos articulatórios envolvidos na produção dessa classe de sons, interferindo no bom desempenho em CFA. Ou seja, a realização de um segmento bilabial não envolve uma única configuração gestual, mas todo o movimento concernente a essa produção.

Quanto ao declínio observado no desempenho dos aprendizes do 4º ano, pode estar diretamente relacionado à automatização dos sons da fala e de seus gestos motrizes, fazendo com que a criança não mais faça o uso consciente dos sons e dos movimentos articulatórios que os constituem, concentrando-se apenas no conteúdo e não na estrutura e/ou forma da palavra, como bem aponta McGuiness (2006).

Os resultados dispostos no Gráfico 1, no entanto, não sinalizam diferenças entre o desempenho de bilíngues e monolíngues. Cabe salientar, ainda, que os resultados aqui verificados não corroboraram o esperado pela literatura, nem o previsto pelo CONFIART, que apontam que as crianças em níveis mais avançados de escolarização apresentam escores em CFA mais elevados.

Em relação às tarefas testadas, foi quantificada a ocorrência de acertos entre aquelas referentes à identificação e à produção dos sons. No Gráfico 2, os resultados encontrados.

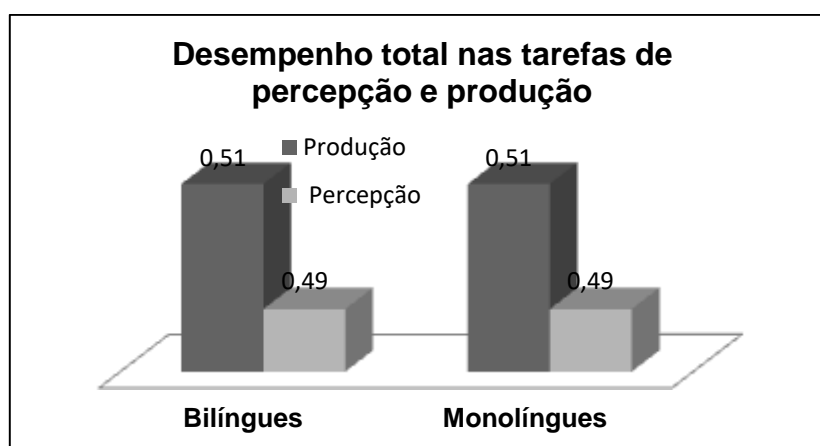


Gráfico 2: Desempenho dos informantes monolíngues e bilíngues nas tarefas de produção/percepção dos sons

Com base no exposto no Gráfico 2, é possível observar que tanto os monolíngues quanto os bilíngues apresentaram os mesmos índices de acertos para as tarefas de produção e percepção – ou seja, 51% e 49%, respectivamente. De acordo com Vidor-Souza (2009), em comparação com as tarefas de produção, as tarefas de identificação tendem a apresentar índices mais elevados de acertos, em decorrência de sua complexidade. Isto porque, nas tarefas de identificação, a criança precisa apreender a informação visual e/ou auditiva e refletir sobre os movimentos articulatórios do som. Por outro lado, na tarefa de produção, a criança precisa efetuar três mecanismos potencialmente complexos, como identificar os sons, refletir sobre os seus movimentos articulatórios e planejar a articulação. Estes fatores, em conjunto, imprimem à tarefa de produção uma maior complexidade.

Como podemos verificar, as crianças deste estudo – monolíngues e bilíngues – não apresentaram diferenças no desempenho se comparadas as tarefas de

produção (51%) e percepção (49%), indo de encontro aos resultados reportados por Vidor-Souza (2009).



No que concerne ao número de acertos seguidos – ou não – da realização do ato motor (RAM), é possível verificar, conforme o Gráfico 3, que a subvocalização foi um processo recorrente na maioria dos casos de acertos, totalizando 74% de ocorrência. Em contrapartida, a quantidade de acertos em que não foi realizada a subvocalização foi significativamente inferior, isto é, 26%. Ao que tudo indica, a realização da tarefa motora representa aspecto determinante para o bom desempenho em CFA – fenômeno este que reforça a importância dos gestos articulatórios na percepção e produção dos sons. Assim, a criança inicialmente precisa subvocalizar para identificar/produzir um som solicitado e, em estágios mais avançados de CFA, a subvocalização não se torna mais necessária.

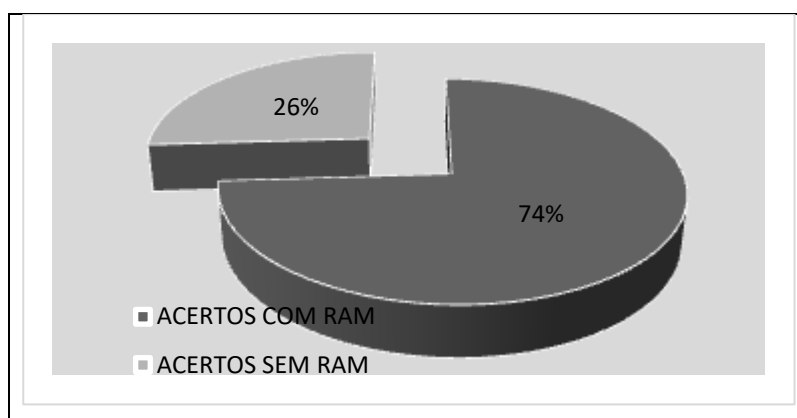


Gráfico 3: Número de acertos com e sem RAM – monolíngues e bilíngues

Tendo em vista que o CONFIART comporta a avaliação da consciência fonarticulatória acerca dos sons [p, b, m, f, v, s, z, l, S, Z, k, g, x], foi contabilizada a distribuição de acertos relativa aos diferentes fones percebidos e/ou produzidos. Desta forma, é possível destacar quais gestos articulatórios se mostraram mais facilmente perceptíveis para os grupos em estudo, bem como relacionar a relevância do instrumento na identificação de cada som.

O Gráfico 4 mostra que, no grupo dos bilíngues, as fricativas alveolares [s, z] foram os fones com o maior percentual de respostas corretas, atingindo, assim, 27% dos casos, seguidos das palatais [S, Z], com 25% de recorrência. Nota-se que não houve nenhum acerto em relação aos sons bilabiais [p, b], e apenas 5% no que concerne a [m]. Mais uma vez, o baixo índice pode estar atrelado à configuração gestual estática disponibilizada pelo CONFIART, conforme já destacado, os lábios cerrados para a identificação de sons labiais. A criança, na verdade, não identifica a configuração como uma etapa na produção de um segmento labial, o que lhe permitiria identificar os segmentos dessa classe de sons.

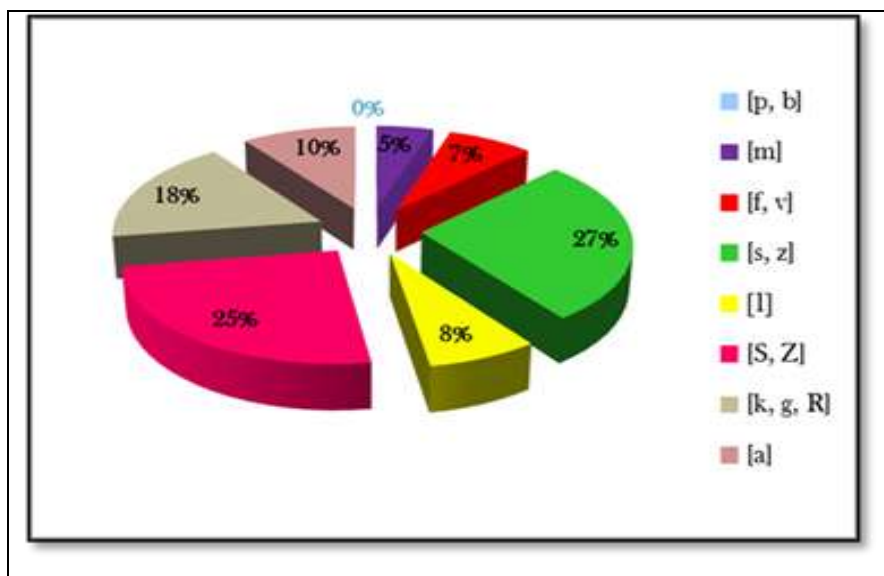
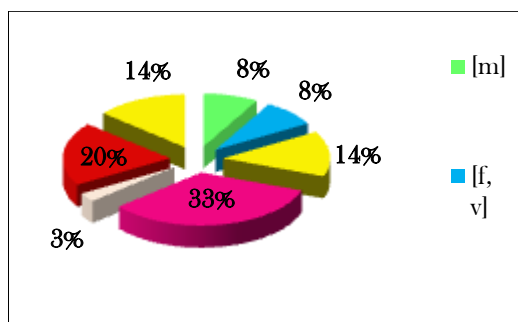


Gráfico 4: Fones com maior ocorrência de acertos – bilíngues dos 2º, 3º e 4º anos

Como pode ser constatado na Figura 2, considerando a ausência de movimento gestual, dado ao acesso apenas à imagem fonoarticulatória, parece ser possível que o reconhecimento dos sons bilabiais se torne, de fato, difícil para a criança, principalmente se considerarmos a relação, claramente estabelecida em nossos resultados, entre o número de acertos e a execução de subvocalizações. Na realização de subvocalização para um [p] ou para um [b], diferentemente do que ocorre com a classe das fricativas – em que a execução dos gestos mantém uma configuração específica da boca, conforme Figura 1 –, para as bilabiais, o movimento de fechamento e abertura é perdido na imagem. Este achado vai de encontro aos resultados apontados pela literatura (SANTOS *et al*, 2014), os quais revelam altos índices de acertos para os segmentos labiais. Assim, no caso das fricativas, as informações visuais e/ou articulatórias dos sons podem ter auxiliado na percepção.

No grupo dos monolíngues, as fricativas alveolopalatais [S,Z] foram os fones que mostraram o maior número de respostas corretas, tendo atingido um índice de 33% de ocorrências, seguidos das velares [k, g, x], com total de 20%. O Gráfico 5 sintetiza os resultados obtidos.



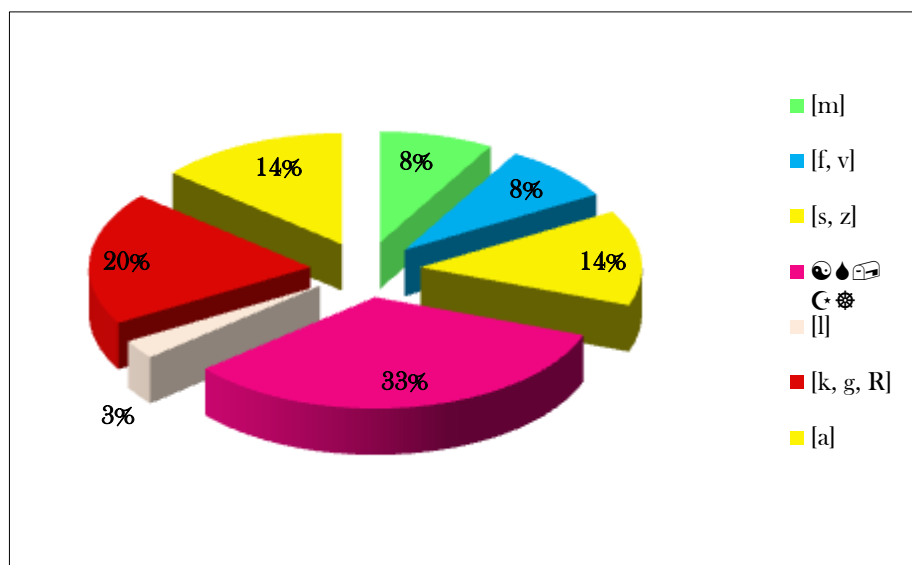


Gráfico 5: Fones com maior ocorrência de acertos – monolíngues dos 2º, 3º e 4º anos

Haja vista que os fones fricativos alveolares e palatoalveolares comportam, juntos, os maiores índices de acertos em ambos os grupos – isto é, 52%, no grupo dos bilíngues, e 47%, no grupo dos monolíngues – as fricativas se constituem, portanto, no modo de articulação que viabilizou o melhor desempenho na aplicação do CONFIART.

Os resultados apresentados revelam baixo desempenho em tarefas de CFA, tanto para os bilíngues quanto aos monolíngues. Salvo em casos especiais, a maioria das crianças apresentou escores insatisfatórios, com pontuações inferiores à média do instrumento: os monolíngues e bilíngues obtiveram um total de 72 pontos na avaliação das tarefas de CFA, ou seja, 27,9% de acertos. Tais resultados revelam um comportamento linguístico análogo entre ambos os grupos.

Conclusão

Como reportado anteriormente, este estudo buscou investigar o desempenho de crianças monolíngues e bilíngues (pomerano/português) em habilidades de CFA. Com base na literatura da área (BENINCÁ, 2008; BLANK & MIRANDA, 2010), partimos da hipótese de que as crianças bilíngues apresentariam um desempenho em CFA inferior às monolíngues, em razão da influência da língua de imigração no processamento dos sons do português.

O Instrumento de Avaliação da Consciência Fonoarticulatória – CONFIART serviu de base para a coleta de dados. Os resultados revelaram que tanto as crianças monolíngues quanto as bilíngues apresentam baixos desempenhos em CFA. No entanto, cabe ressaltar algumas particularidades relevantes, no que se refere aos grupos analisados.

As crianças monolíngues do 2º ano apresentam baixo desempenho em CFA, comparadas as do 3º e 4º anos. Dito de outro modo, os escores em CFA dos sujeitos

monolíngues evolui, em termos percentuais, do 2º (22%) para o 3º ano (56%), mas declina, novamente, no 4º ano (31%). Do mesmo modo, a análise dos dados bilíngues demonstrou baixos escores em CFA para os aprendizes do 2º ano (22%), o qual se eleva no 3º ano (34%) e decai, mais uma vez, no 4º ano (22%).

Os baixos percentuais de desempenho constatados nos dados do 2º ano, tanto no grupo dos monolíngues quanto dos bilíngues, podem decorrer do fato de as crianças não terem desenvolvido, ainda, as habilidades fonoarticulatórias necessárias para a percepção e produção dos sons da fala. Santos *et al* (2011, 2014) afirmam que a CFA é uma habilidade que se aprimora à medida que a criança avança em idade e escolaridade, fator este que justificaria, assim, os baixos escores verificados neste estudo, uma vez que as médias constatadas equivalem àquelas apresentadas pelas crianças da educação infantil.

Como indicam os percentuais, os escores em CFA das crianças monolíngues e bilíngues do 3º ano apresentaram um aumento em comparação aos dados do 2º ano, sendo 56% e 34%, respectivamente. No entanto, cabe destacar que este acréscimo se mostra, ainda, insuficiente, considerando-se as possibilidades totais de acertos.

Tendo em vista a literatura da área, bem como os resultados observados no instrumento, esperava-se, portanto, que os sujeitos do 4º ano apresentassem desempenhos mais satisfatórios, posto que a CFA é uma habilidade que se aprimora com o avançar da escolaridade (SANTOS, 2011). O baixo desempenho demonstrado pelos informantes monolíngues e bilíngues do 4º ano, decorre do fato de que as crianças possam ter automatizado os sons da fala e os seus gestos motrizes, concentrando-se no conteúdo, e não mais na forma e estrutura da palavra, segundo correlatos teóricos (LABERGE e SAMUELS, 1974 apud STENBERG, 2010; VIEIRA e SANTOS, 2014).

Com relação às tarefas do instrumento, tanto bilíngues quanto monolíngues apresentaram índices similares de acertos para as tarefas de identificação e de produção. Tais resultados contrariam os constatados por Vidor-Souza (2009). Para a autora, as tarefas de identificação mostram índices mais elevados de acerto em comparação com as tarefas de produção em virtude da complexidade dessas últimas.

A explicação para os resultados aqui obtidos decorre provavelmente de fatores outros, como o baixo índice de utilização da subvocalização no total dos dados, e, ao mesmo tempo, o alto índice desse recurso quando são considerados apenas os acertos obtidos, ou seja, uma aplicação de 76,9%. Também há de ser considerada a dificuldade relativa à identificação do gesto articulatório envolvido nas tarefas relativas às consoantes bilabiais, tendo em vista a figura disponibilizada pelo instrumento – a qual, por ser estática, não viabiliza o reconhecimento dos gestos de abertura e de fechamento labial, necessários para a realização dos segmentos que constituem essa classe de sons.

Quanto ao CONFIART, pode-se afirmar, primeiramente, que seu uso é relevante para a estimulação dos sons que se distinguem a partir de pontos e modos articulatórios, como é o caso de [f], [v], [s], [z], [k], [g] e [x]. Mostra-se, assim, relevante para a percepção e produção dos sons da fala, a partir das tarefas

propostas – de identificação e de produção. No entanto, o CONFIART é insuficiente no que tange à discriminação de sons que se distinguem, exclusivamente, pelo padrão de sonoridade, como [p] e [b], [f] e [v], [s] e [z], [S] e [Z], por exemplo. A utilização do instrumento também pode ser questionada no que concerne aos sons bilabiais [p, b, m], justamente pela configuração gestual apresentada, a qual, por ser estática, não contempla os movimentos articulatórios que modelam os sons desta classe. Diante o exposto, atividades outras, que abranjam as distinções de vozeamento, bem como os aspectos concernentes aos movimentos articulatórios dos sons bilabiais, devem, pois, ser desenvolvidas.

Referências

- BENINCÁ, L. R. Dificuldade no domínio de fonemas do português por crianças bilíngues de português e pomerano. *Revista Contextos Linguísticos*. Ano 3, Nº especial, Vitória, 2008, p. 49 - 70.
- BILHARVA-DA-SILVA, F. *Fala, escrita e percepção dos óticos em Arroio do Padre: influências do pomerano*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pelotas, 2015.
- BILHARVA-DA-SILVA, F.; FERREIRA-GONÇALVES, G. Quando o ca[x]o vira ca[r]o: a percepção dos róticos em um município de colonização pomerana. *Revista da Anpoll*, n. 42, p. 28-40, Florianópolis, Jan./Jun. 2017
- BLANK, M, T. *Influências fonológicas na aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português brasileiro)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.
- BLANK, M, T.; MIRANDA, A, R. Aspectos fonético-fonológicos da aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português). In: *X ENCONTRO DO CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE*. Cascável – PR, 2012. Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR | 24 a 26 de outubro de 2012.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CHO, T; LADEFOGED, P. Variation and universals in VOT: evidence from 18 languages. *Journal of Phonetics* (27), 1999. pp. 207-229.
- FERREIRA-GONÇALVES, G.; BILHARVA-DA-SILVA, F. Os segmentos róticos: mútuas influências entre fala, escrita e percepção. *Contexto* (UFES), v.8, p.83 - 102, 2014.
- GEWEHR-BORELLA, S. *A influência da fala bilíngue Hunsrückisch- Português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010.
- JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura/escrita por metodologia fono-vísuo-articulatória. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri (SP), v. 18, n. 1, p. 69-78, jan.-abr. 2006.
- MCGUINNESS, D. *O ensino da leitura: O que a ciência nos diz sobre como ensinar a ler*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SANTOS, R. M.; VIDOR-SOUZA, D.; VIEIRA, M. J. B. *CONFIART - Instrumento de Avaliação da Consciência Fonoarticulatória*. 1ª ed. Ribeirão Preto, SP: Book Toy, 2014. Programa de Pós Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana.

- SANTOS, R. M.; VIEIRA, M. J. B.; VIDOR-SOUZA, D. Consciência Fonoarticulatória e linguagem escrita, *Verba Volant*, v. 2, n. 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPEL, 2011.
- SCHAEFFER, S. C. B. *Descrição fonética e fonológica do pomerano falado no Espírito Santo*. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- STEIN, C. C. Estratégias acústico-articulatórias empregadas por anglofalantes na pronúncia do tap alveolar no português brasileiro. *Domínios de Lingu@gem*, v.4, 2011. pp. 124-153.
- VANDRESEN, P. Contato linguístico e bilinguismo em Arroio do Padre. *Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL*, 7, 2006, Pelotas, RS.
- MATZENAUER, Carmen L. B. et al (Orgs.). *Anais...* Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 1-6. Disponível em <<http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/1.pdf>>. Acesso em 14 fev. 2014.
- VIDOR-SOUZA, D. *A Consciência Fonoarticulatória em crianças com desenvolvimento fonológico normal e desviante*. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia). Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- VIEIRA, M. J. B.; SANTOS, R. M. Consciência fonológica e fonoarticulatória na aquisição da leitura e da escrita. *Nonada*, v. 14, 2010.
- YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L.; LAMPRECHT, R. *Avaliação fonológica da criança, reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Para citar este artigo

SANTOS, Paola Oliveira dos; GONÇALVES, Giovana Ferreira; VIEIRA, Maria José Blaskovski. Habilidades em Consciência Fonoarticulatória de crianças monolíngues e bilíngues (pomerano/português): dados de Arroio do Padre/RS. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 6, n. 3, p. 25-43, set.-dez. 2017.

As autoras

Paola Oliveira dos Santos é mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas, atuando nas áreas de Aquisição da Linguagem e Fonologia.

Giovana Ferreira-Gonçalves é doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas, Bolsista de Produtividade do CNPq, atuando nas áreas de Aquisição da Linguagem, Fonologia e Fonética.

Maria José Blaskovski Vieira é doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas, atuando nas áreas de Sociolinguística e Fonologia.